



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Matisse agora é uma menina e mora em Nova Iguaçu:

Imagens que pensam o cotidiano escolar

Aristóteles Berino¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
<https://orcid.org/0000-0002-6013-7784>

Yasmin do Nascimento Viana²

<https://orcid.org/0000-0002-2996-5813>

Resumo: A partir da visita a uma exposição do artista moderno Henri Matisse, o artigo percorre a comunicação trocada em uma rede social entre um professor e uma graduada em Pedagogia, para dar um sentido político e estético a três imagens encontradas em um banheiro feminino de uma escola pública da Baixada Fluminense/RJ. Paulo Freire e Etienne Samain são utilizados, respectivamente, como referência para uma concepção estética da educação e uma compreensão das imagens como objetos pensantes, o que nos permite admitir, no caso estudado, a pichação escolar como criação e emergência do gênero para uma nova vista da vida nas escolas e outro reconhecimento dos educados, como também artistas e políticos que interpelam o seu tempo.

Palavras-chave: Imagens; cotidiano escolar; gênero.

Matisse ahora es una niña y vive en Nova Iguaçu: Imágenes que piensan sobre el cotidiano escolar

Resumen: Desde la visita a una exposición del artista moderno Henri Matisse, el artículo cubre la comunicación intercambiada en una red social entre un profesor y una graduada en Pedagogía, para poner un sentido político y estético a tres imágenes encontradas en un baño femenino en una escuela de la Baixada Fluminense/RJ. Paulo Freire y Etienne Samain son usados, respectivamente, como referencia para una concepción estética de la educación y una comprensión de las imágenes como objetos de pensamiento, lo que nos permite admitir, en el caso estudiado, el graffiti escolar como creación y surgimiento del género para una nueva visión de la vida en las escuelas y otros reconocimientos de los educados, así como de artistas y políticos que desafían su tiempo.

Palabras claves: Imágenes; cotidiano escolar; género.

¹Professor do Departamento de Educação e Sociedade da UFRRJ e do PPGEduc/UFRRJ. e-mail: aristotelesberino@yahoo.com.br

²Graduada em Pedagogia (IM/UFRRJ/Nova Iguaçu). e-mail: ya@hotmail.com

Matisse is now a girl and lives in Nova Iguaçu: Images that think about school quotidian

Abstract: From the visit to an exhibition of the modern artist Henri Matisse, the article covers the communication exchanged on a social network between a teacher and a graduate in Pedagogy, to give a political and an aesthetic sense to three images found inside a female bathroom in a school from Baixada Fluminense/RJ. Paulo Freire and Etienne Samain are used, respectively, as a reference for an aesthetic conception of education and an understanding of images as thinking objects, which allows us to admit, in the studied case, the school graffiti as creation and emergence of gender for a new view of life in schools and other recognition of the educated also as artists and politicians who challenge their time.

Keywords: Images; schoolquotidian; gender.

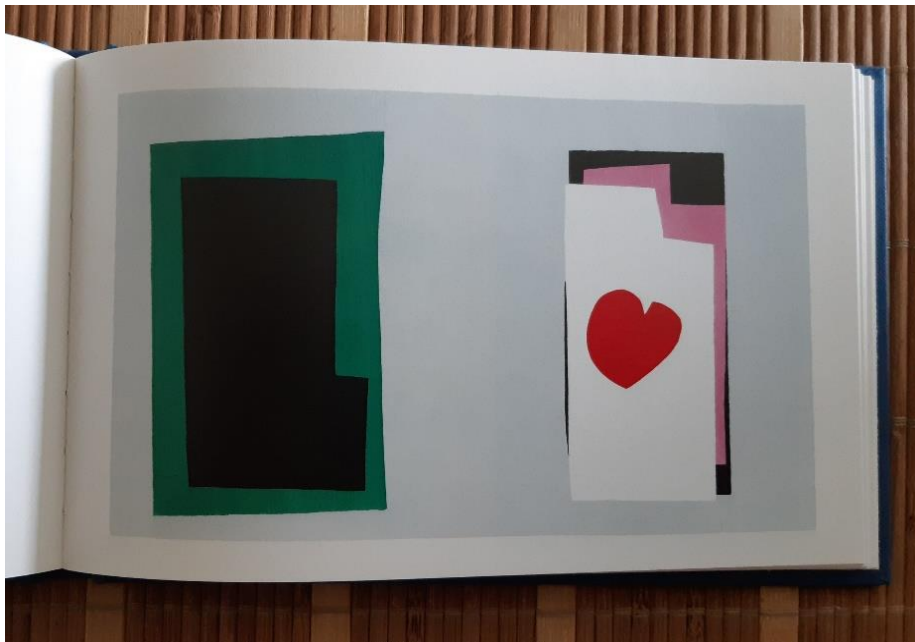
Hoje em dia, ouvimos homens se lamentarem de que a emancipação feminina os desviriliza.
Virginie Despentes (2016, p. 21)

A imagem – toda imagem – é uma “forma que pensa”.
Etienne Samain (2012, p. 23)

Matisse

Na tarde do dia 17 de novembro de 2017, usei a saída do metrô para a avenida Rio Branco, da estação Largo de São Francisco, e segui para a Caixa Cultural Rio de Janeiro. Entrei no edifício e procurei pela exposição **Henri Matisse – Jazz**. Ao entrar na sala da exposição, li um preâmbulo que explicava sobre seu conteúdo. Em 1947 foram impressos 250 exemplares de **Jazz**, obra de Matisse que respondia a um desafio proposto pelo editor e crítico de arte grego Teriade. O exemplar de número 196 foi adquirido pelo colecionador brasileiro, nascido em Paris, Raymundo Otonni Castro Maya e as vinte pranchas desse exemplar é que estavam ali servindo à exposição. Depois da rápida leitura, ao me deslocar pelo ambiente, logo uma daquelas imagens me chamou particular atenção, me fazendo percorrer um caminho inverso, até quatro dias antes. A reprodução abaixo (Figura 1), da referida imagem, foi extraída de uma versão fac-similar da obra original, que consultei posteriormente (MATISSE, 1992).

Figura 1



Fonte: MATISSE (1992, p. 49)

No dia 13 de novembro, Yasmin Viana, uma jovem estudante que tinha sido minha aluna no curso de Pedagogia do Campos Nova Iguaçu da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, agora já graduada, procurou-me pelo Messenger do Facebook para mostrar algo.

Figura 2

13 DE NOV DE 2017 ÀS 15:34

Vi isso na porta de um banheiro feminino na escola onde faço estágio de ensino fundamental e lembrei do seu trabalho sobre escritos assim



Destaque para o pingo do "i" em forma de coração kkkk

Fonte: Arquivo pessoal do autor

Fiquei contente com o fato da minha aluna, durante a realização do seu estágio, ter se lembrado do meu trabalho com imagens do cotidiano escolar, que apresentei em alguma

aula e agora ela associava com algo que despertou sua curiosidade, em um banheiro feminino de uma escola. A experiência contemporânea da comunicação propicia um contato versátil, mesmo a distância, através de diferentes aplicativos para o celular, com a possibilidade de envio e recepção de variados conteúdos facilmente disponíveis, como a imagem que minha ex-aluna fez para registrar sua descoberta na escola. A aula se transforma em apenas mais um episódio entre as possibilidades de conversas entre professores e alunos, uma relação que se alterna, como queria Paulo Freire (2015, p. 25), “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Através da sua própria diligência, o “aluno” é capaz de retribuições muito mais constantes que a chamada “verificação da aprendizagem” dos modelos de Plano de Aula.

Minha ex-aluna conhecia algumas imagens com as quais eu trabalhava, sobre cotidiano escolar, apresentadas em eventos acadêmicos e artigos também (BERINO, 2012, 2016; BERINO, ADÃO, 2010), algumas delas exibindo produções de alunos feitas em superfícies diversas da escola, como carteiras ou paredes. Em outras palavras, imagens da pichação escolar. Característica importante dessas imagens é a de que manifestam algum conflito ou ansiedade em relação ao lugar. A pichação é uma conflagração diante de inquietações que podem viver seus autores, provocadas na própria escola ou fora dela, mas impossíveis de abandonar mesmo ao cruzar o portão de entrada. Portanto, são modos de presentificação da existência em condições de ebulição e anseios que atravessam a vida nas escolas. Assim como outras tantas instituições de reclusão, a escola cobra condutas e práticas repressivas para a sua frequência e a pichação escolar é, simultaneamente, um modo de liberação e afirmação, uma reação para que o comparecimento escolar não signifique um silenciamento das vozes dos estudantes.

Yasmin

O final do ano de 2017 se aproximava. Eu havia chegado à metade da minha graduação em Pedagogia na UFRRJ/IM, momento em que somos introduzidos ao campo de estágio e temos a oportunidade de articular a teoria aprendida a algumas práticas pedagógicas percebidas no ambiente escolar. Estava cumprindo o segundo estágio obrigatório, naquele momento, no primeiro ano do Ensino Fundamental, na mesma instituição onde cursei o primeiro estágio, na Educação Infantil, e viria a cumprir os restantes: em uma escola da rede públicamunicipal de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, no bairro onde fui criada e ainda resido.

Durante todo o tempo eu estava vislumbrada com cada relação que eu conseguia fazer ao que foi aprendido no decorrer da graduação, seja por meio das disciplinas obrigatórias, das optativas, das reuniões dos grupos de pesquisa pelos quais eu perambulava, das palestras, das reuniões informais dos alunos... Tudo aquilo tinha um significado ainda maior, levando em consideração a localização da escola, tão próxima e tão presente na minha vida, o que me fazia perceber que as teorias apresentadas no curso de Pedagogia não eram tão ilusórias quanto pareciam e poderiam, sim, ter forte influência na minha realidade como educadora.

Foram muitos momentos gratificantes naquele espaço, mas alguns dos mais encantadores ocorreram no banheiro feminino daquela escola, que atende a crianças e jovens de faixa etária entre 4 e 15 anos: apesar de oferecer vagas apenas a alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental, não é incomum a presença de estudantes mais velhos do que a faixa etária padrão desse segmento, por se tratar de uma escola inclusiva para pessoas com deficiência, muitas vezes com idade superior.

Dentro das cabines dos banheiros femininos dessa escola, havia alguns escritos nas portas. Alguns incompreensíveis, outros não faziam sentido à primeira vista, mas ainda assim, por mera curiosidade, tornou-se parte da minha rotina os consultar. Uma delas (Figura 3) me chamou ainda mais a atenção por me lembrar de um dos conteúdos apresentados pelo professor Aristóteles Berino nas suas aulas dos cursos de Currículo e Estudos Culturais, disciplinas que eu havia cursado não fazia muito tempo até aquela data. De acordo com ele (BERINO, 2012, p.2), esses escritos deixados pelos alunos no ambiente escolar podem dizer muito mais do que um simples ato de rebeldia contra o patrimônio da instituição, que muitas vezes é a única forma como essas expressões costumam ser vistas pela maioria dos educadores: podem expressar “algo que ele aprendeu fora dos livros, cadernos, material ou prática escolar recomendável”.

Figura 3



Fonte: Arquivo pessoal da autora

De imediato, várias questões vieram à minha mente. O fato de a menina ter escrito uma palavra de baixo calão que representa, na linguagem popular, um estilo de vida em que se almeja a liberdade, especialmente a sexual, liberdade essa que ainda não foi plenamente conquistada pelas mulheres. No entanto, essa expressão pode demonstrar que também temos jovens mulheres em busca dessa conquista.

A questão feminina também está expressa na estilização da escrita do palavrão. O *pingo* da letra “i”, em formato de coração, demonstra afeto ao estilo de vida que se pretende alcançar, elemento esse que dificilmente seria expresso por alguém do gênero masculino, por conta dos padrões de gênero já seguidos por essas crianças à risca desde a mais tenra idade, tanto na escola quanto fora dela. Há uma plasticidade artística nesse escrito, através de uma preocupação em demonstrar a afetividade, a feminilidade, indo além de expressar o desejo pela liberdade sexual. Como diz Berino (2012, p.8-9), “o mais humano da arte é a busca de uma tradução solidária para o que parece ser o mais silencioso de cada um. As imagens juvenis procuram destinos – outros destinos. Vontade de exprimir aquilo que vaga dentro de nós mesmos, aparentemente sem forma ou linguagem”.

O local onde esse escrito foi deixado também traz um significado: o banheiro feminino da escola é o local de maior privacidade para as meninas no ambiente escolar. Quando alguém deixa uma mensagem ali, esse alguém presume que quem receberá essa mensagem é uma menina. Ou seja, possivelmente foi um recado deixado de uma menina para outras meninas, uma partilha para que pudessem vislumbrar também o amor e a sexualidade tal como lhe ocorria.

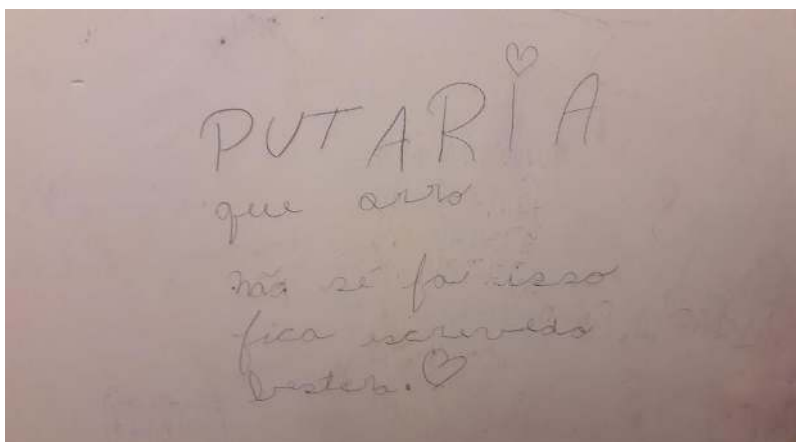
A construção do conhecimento é um fato admirável, conhecimento este que não apenas se constrói, mas que se dá por inacabado e é reconstruído em diversas abordagens. Me peguei dialogando com abordagens sobre o cotidiano do ambiente escolar conhecidas meses antes, dentro de um banheiro, entre um rápido intervalo diante da correria que me encontrava ali, enquanto cumpria as tarefas de estágio. Foi impossível não registrar aquela imagem. A princípio, meu desejo era apenas mostrar a imagem a uma amiga que havia cursado essas disciplinas junto comigo, para que pudessemos conversar sobre essa coincidência, e também guardar aquele registro para mim, como diversos outros registros que faço ao longo dos anos e guardo comigo.

Imaginei que seria interessante que o professor Aristóteles soubesse que me lembrei de sua aula em um momento da prática docente, mas a timidez por alguns dias me impediu que eu o comunicasse sobre isso. Tive receio de soar como algo bobo ou comum para ele,

que já deve ter se deparado com diversas situações parecidas com essa, por pesquisar o assunto e já o ter apresentado para outras pessoas, através de aulas ou outros momentos, mesmo sabendo que a maioria massiva dos professores do curso de Pedagogia daquele campus são pessoas acessíveis, abertas ao diálogo e interessadas sobre os nossos pensamentos, descobertas e vivências como educandos.

Foi pensando sobre isso que, em um momento de coragem, o enviei a imagem via Messenger, serviço de mensagens da rede social Facebook, recebendo uma resposta positiva, que me fez também compartilhar posteriormente outra imagem (Figura 4) feita cinco dias depois do primeiro registro, na mesma cabine do banheiro, gerando um diálogo mais intenso com Aristóteles através do Messenger, que viu uma semelhança entre as imagens enviadas e uma obra vista por ele em uma exposição. Foi impressionante o fato de que as imagens tenham sido marcantes também para o professor, que teve suas percepções particulares sobre elas. Esse ocorrido reforçou uma fala conhecida de Paulo Freire (2015, p. 25): "Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender".

Figura 4

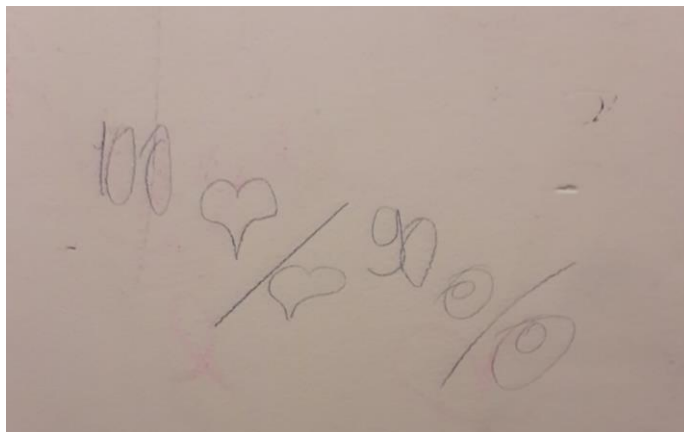


Fonte: Arquivo pessoal da autora

Trata-se de uma resposta que foi deixada àquele escrito, através da qual a correspondente demonstrou um posicionamento mais conservador, mas sem deixar de usar da expressão de feminilidade através do desenho de coração. É interessante que as meninas também se expressem, ainda que com opiniões diferentes, através de uma prática que não é tão esperada delas quanto é esperada dos meninos: um ato tido como vandalismo. Expressar a sua feminilidade também é um ato de resistir, por mais imperceptível que possa ser. Através desse pequeno ato de observar o que é registrado pelos educandos no ambiente, é possível perceber diversos significados que os constituem como seres, como

Berino (2012, p.3) observa: “mais do que vestígios, são suas extensas existências que figuram por meio das criações que realizam e ali podem permanecer”.

Figura 5



Fonte: Arquivo pessoal da autora

No registro acima (Figura 5), o terceiro e último que compartilhei com Aristóteles, via Messenger, também feito no mesmo banheiro feminino, mas em outra cabine, a suposta autora (suposição baseada no fato de a imagem ter sido encontrada no banheiro feminino, não descartando de modo absoluto que possa ter sido um autor de outro gênero) parece deixar uma lição através da simbologia deixada ali: o *100%* estilizado com corações indica o ato de amar de forma totalizada, enquanto o *90%*, estilizado com olhos, demonstra a atenção no comportamento do ser amado, vigiando suas atitudes e não se permitindo confiar incondicionalmente, preservando-se de mágoas. Berino (2012, p.4) considera que “outros interesses comovem o ato de escrever e produzir imagens. Amor não é assunto só para filmes, mas também para as escolas”. Uma lição vinda de alguém tão jovem pode ter sido resultado de um primeiro relacionamento amoroso (ou um dos primeiros) no qual a confiança foi traída, ou algum fato observado entre amigos, conhecidos ou familiares, todavia já demonstrando uma preocupação com um possível problema amoroso, atendendo à necessidade de expressá-la a outrem, com a intenção de preservar a possível leitora de passar pelo mesmo problema.

A prática pedagógica não consiste apenas no *saber ensinar*, mas também em perceber o ambiente em que estamos inseridos, com a finalidade de entendermos melhor quem os frequenta e quais as influências dessas vivências em nossas práticas, que são muito maiores do que se imagina. É através dessa percepção que é possível reconhecer a riqueza de conteúdos presentes nas práticas não só fora da escola, como muito se discute,

mas também dentro dela, porém fora do currículo estabelecido oficialmente. Uma dessas riquezas consiste no ato de escrever: a juventude escreve através de muitos meios, especialmente no momento em que vivemos, onde a inclusão digital é cada vez mais constante e pode fornecer diversas possibilidades para essas práticas que, muitas das vezes, são desconsideradas pelos educadores por não se enquadrarem no que está predeterminado, fato esse já questionado por Freire (ibidem, p.32): “Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”

Já em outro momento, enquanto cursava o quarto e último estágio obrigatório do meu curso, nessa mesma escola, notei que as portas dos banheiros femininos foram pintadas, apagando aqueles escritos. Apesar do apagamento dos escritos, seus significados não foram apagados: puderam ser apresentados aqui. Ao final da graduação e dos estágios, quando me formei em 2019, me senti como se houvesse unido cada fragmento em um todo. O poder de conectar os aprendizados à prática traz enorme satisfação e sentimento de completude a quem segue essa trajetória. Cada leitura, cada escrita, cada atividade não foi feita em vão. Ao nos formarmos educadores, carregamos um pouco de cada educador que perpassou a nossa trajetória. Que esse sentimento continue surgindo nos próximos estudantes a frequentarem esses espaços, seja o acadêmico, o *chão* da escola, ou qualquer outro lugar onde o conhecimento pode estar.

Le coeur

Minha curiosidade pela exposição foi em razão do meu interesse pela arte moderna e que, portanto, Matisse desperta, mas também pelo seu título, “Jazz”. Jazz é a música que ouço com maior frequência e sobre a qual também leio a história e a respeito dos músicos. Especialmente, gosto da improvisação, uma característica do gênero. O *free jazz*, uma decorrência da revolução cultural que foi o jazz moderno, foi ainda mais longe com a improvisação atonal, uma liberdade de criação que me conecta com a concepção de educação freireana: “Ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores” (FREIRE, 1994, p. 113). Vejo a educação como uma experiência estética também. Como disse Paulo Freire (2011, p. 45), “o educador é um político e um artista”. A arte moderna e o “jazz” me levaram à exposição de Matisse e uma das suas imagens produziu um encontro imprevisto porque naquele mesmo instante, uma imagem anterior se sobrepôs ao meu olhar

e não era mais aquela exposição que importava agora. As imagens de **Jazz** seguiram por um caminho súbito e criador, “outro ato criador”.

Como nos conta Anna Paola Baptista (2017, p.7), no catálogo da exposição **Henri Matisse – Jazz**, o desafio proposto por Teriade era a de produção de um livro de arte a partir da técnica de Matisse com os papéis recortados. Entre as vinte pranchas de **Jazzé** possível reconhecer alguns personagens ligados ao circo e exatamente assim Matisse chegou a considerar nomear a obra, “O Circo”. Mas o título finalmente adotado possui uma reverência à cultura norte-americana, mais disruptiva em relação à tradição e mais associada ao moderno, explica Anna Paola Baptista (ibidem). Inclusive, existe uma correspondência entre a concepção artística de **Jazze** a criação do próprio jazz, uma invenção musical moderna e estadunidense. No ano de 1947, mesmo ano da publicação do livro, ocorreu uma exposição paralela em Paris e no Rio de Janeiro, de 3 a 20 de dezembro, com a exibição das pranchas que compõem a obra.

A simultaneidade da apresentação foi possível em razão dos laços de amizade entre o organizador francês da exposição e seu organizador no Brasil, respectivamente, PiereBerès e Trajano Coltzesco, livreiro e editor que exibia e comercializava obras e gravuras de artistas modernos da Escola de Paris. Trajano Coltzesco habitualmente dividia-se entre a França e o Brasil e provavelmente fez a intermediação para Raymundo Otonni Castro Maya adquirir o exemplar 196 de **Jazz**, acredita Anna Paola Baptista (ibidem, p. 14).

Figura 6

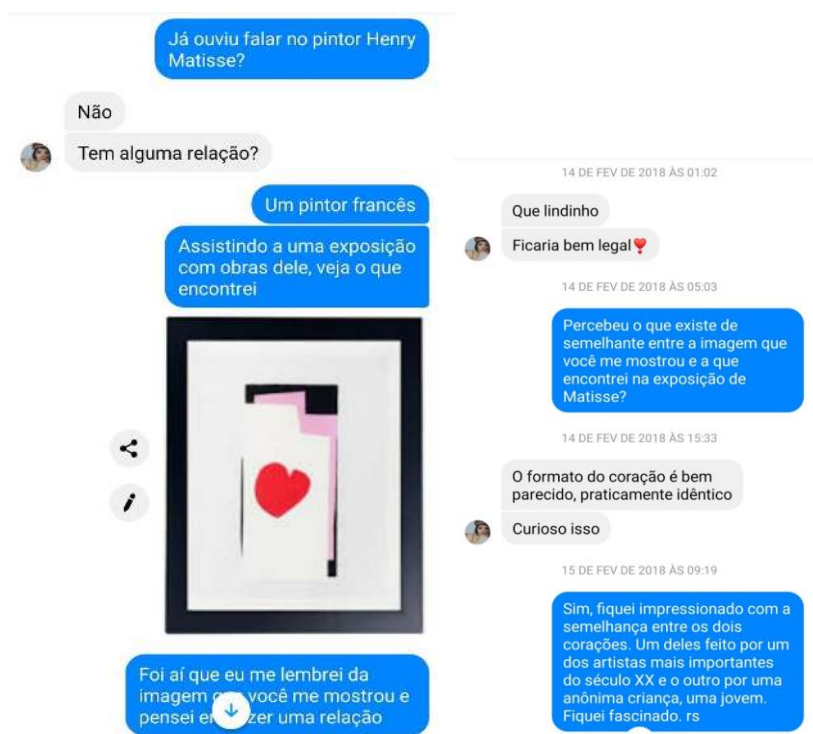


Fonte: MATISSE (1992, p. 148)

Le coeur é como Matisse chama a imagem VII na *Tabledesimages* que finaliza o livro (Figura 6). “O coração” não apenas pôde ser visto ao mesmo tempo no Rio de Janeiro, durante a exposição de 1947, e em Paris, porém foi novamente apresentado no Rio de Janeiro, em 2017, quando presenciei a exposição. Importante observar que a minha recepção de *lecoeur* estava atravessada não pela obra original, vista aqui 70 anos antes, que até então eu desconhecia. Foi outra correspondência que eu fiz, com outro coração, este apresentado para um público que não era o público interessado em arte legitimada, mas jovens alunas de uma escola pública, em Nova Iguaçu. Coração que a minha aluna me mostrou alguns dias antes da minha visita à exposição **Henry Matisse – Jazz**.

Le coeur apresentado na porta de um banheiro, não era, ao contrário daquele que encontrei na Caixa Cultural do Rio de Janeiro, o exemplar 196 adquirido por Raymundo Otonni Castro Maya, uma reprodução verídica de Matisse. No entanto, como disse Etienne Samain (2018, p. 24), “toda imagem, sabemos, é viajante”. *Le coeur* apenas me chamou atenção particular porque, naquele instante em que me deparei com a obra, imediatamente eu me recordei da imagem enviada por Yasmin (Figura 3), que eu tampouco conhecia da sua original exposição. Um ingresso vedado para mim, inclusive, o banheiro feminino. Era uma obra ainda mais difícil saber da sua existência. Conheci através de uma cópia digital. No entanto, se era a imagem que a minha ex-aluna me mostrava aquela que certamente correspondia ao meu interesse mais acadêmico como pesquisador dos cotidianos das escolas, foi a partir de *lecoeur* de Matisse que voltei a procurar Yasmin (Figuras 7 e 8). Viajantes, as duas imagens se cruzavam e não se distinguiam mais para mim de forma absoluta. Elas haviam se aproximado e foi o seu encontro que produziu também o motivo da coautoria do artigo. De uma certa maneira, foi Matisse que me fez enxergar a imagem do banheiro como arte também.

Figura 7 – Figura 8



Fonte: Arquivo Pessoal do autor

Tanto quanto a obra de Matisse possui um significado criador no âmbito da arte moderna, a criação da jovem e anônima artista de uma escola pública também tem um significado disruptivo. Em uma sociedade patriarcal, que frequentemente deslegitima as vozes femininas, que procura proibir que gênero e sexualidade apareçam como uma questão de currículo nas escolas, quando uma menina se expressa através de uma palavra proibida e de um signo, abrindo uma fenda na concepção de educação legitimada por setores os mais atrasados da sociedade brasileira, estamos falando de um ato criador e da dimensão estética da própria educação. E que uma aluna tenha feito uma intervenção política e educacional ao revés das vigilâncias, usando um espaço e materiais destinados a outras finalidades, subvertendo no cotidiano escolar o que o poder destina à vida dos estudantes, trata-se de um gesto comparável ao de um artista que interpela o seu tempo.

VirgineDespentes (2016, p. 34), em **Teoria King Kong**, depois de falar sobre o estupro que foi vítima, com uma amiga, quando tinha 16 anos, lembra a respeito do impacto que foi ler Camille Paglia, em uma revista, quando realizava uma viagem de trem, alguns poucos anos depois. Citando de memória, ela se recorda quando Camille Paglia toca no assunto do estupro: “Trata-se de um risco inevitável, um risco que as mulheres devem levar em conta e aceitar correr se desejam sair de casa e circular livremente”. A citação é um pouco maior, mas eu recortei apenas a parte que gostaria de relacionar aqui. Comenta

Virginie Despentes (ibidem, p.35): “Camile Paglia (...), ela nos instiga a pensar o estupro como um risco inevitável, inerente à nossa condição de meninas”. O banheiro feminino é então um espaço de reserva, de alguma segurança, pelo menos na escola. Ou seja, o banheiro das garotas não é tão somente o lugar de uma expressão casual. O fato de constituir um lugar garantido para os seus corpos, enquanto a violência sexual espreita por toda a cidade, faz de toda manifestação uma criação legítima, cuja exibição deve ser admitida na sua alteridade e ímpeto eclosivo.

Se nada sabemos da artista que deixou sua obra no banheiro de uma escola (Figura 3), existe para o nosso conhecimento uma imagem que pensa e nos comove a interagir com ela, a pensar com ela. Naquele banheiro, outra personagem imprimiu ali mais um coração (Figura 4) para relacionar-se com o primeiro. Na verdade, uma mensagem que se constitui como uma intervenção na primeira criação. Na sequência, mais corações e outra mensagem (Figura 5). Portanto, imagens que vão se conectando. Yasmin havia feito um registro e me mostrado, provocada por outras imagens que eu havia apresentado para ela em outro momento, nas aulas e em artigos. Finalmente, percorrendo uma exposição em um centro cultural, as imagens do banheiro situam suas existências para mim como obras artísticas também, afetando a minha própria percepção da relevância atribuída à **Jazz**, de Matisse. Contagiado pelo enredo dessas imagens, comprei uma versão fac-similar, importada dos EUA. Trazendo novamente Etienne Samain (ibidem, p. 31), “sem chegar a ser um sujeito, a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante”.

Quando ainda me ocupava com a imaginação deste artigo, eu me recordei de uma polêmica que foi o nome da primeira turma do mesmo curso que Yasmin se formou anos depois e onde leciono desde o seu início também. Subitamente me ocorreu que em um vão aberto no prédio do instituto, bem em frente ao restaurante universitário, existia uma placa alusiva à formatura dessa primeira turma. Eu estava caminhando na rampa interna que dá acesso a todos os andares e retornei para o térreo para fotografar a placa (Figura 9). Exposta ali, à vista de todos os alunos e visitantes do instituto, a placa contém uma pequena faixa com o nome da turma, que em nada se distingue do caráter de gênero e sexualidade que também enxergamos na mensagem mais reservada que Yasmin fotografou em um banheiro escolar: “Xêra a MyñaWryrylya”.

Figura 9



Fonte: Arquivo Pessoal do autor

Vejo como um ato político e estético o nome da turma, que porém parece ter precisado ser estilizado também para constar ali, adquirir uma plasticidade para aparecer, o que apenas demonstra o atrevimento libertário daquelas formandas. São latências nas escolas ou nas universidades, ainda organizadas de forma patriarcal, mas que no espaço mais exclusivo e protegido das meninas ou em uma turma de formandas quase que exclusivamente de mulheres, podem vir à superfície contra os silenciamentos. Ganham vida como imagens que passam a participar de uma rede de pensamentos e que também se expressarão vivamente, provocando quem com elas se deparam a parar um instante e se deter a respeito do que significam, quais agenciamentos trazem consigo e como podem ser levadas mais adiante, existindo além das suas próprias criações originais. Aí as imagens passam de criação à condição de criadoras, capazes também de “desencadear outros atos criadores”.

Em uma entrevista, o escritor Sérgio Sant’Anna disse algo que gostaria de citar para encerrar o artigo (SILVA, 2019): “O meu “real” é aquele transformado pela arte”. Complementa dizendo que o “realismo”, como um correspondente do real não lhe atrai; apenas o realismo transformado pela arte. A pichação escolar, como qualquer outra realização artística, não é uma reprodução do realismo escolar, das suas degradações, isto é, não é o saldo negativo de uma realidade repleta de problemas. Os problemas existem, mas as pichações são mais do que isso. Não podem ser vistas através das supostas faltas que representam, ou seja, o resultado daquilo que a escola ou/e seus personagens não possuem. Pelo contrário, devem ser vistas como criações, um real, como quis Sérgio Sant’Anna, transformado pela arte – um real que não se conforma em ser o que nos foi dado como uma existência possível, um real como invenção da vida, algo que se luta para constituir uma realidade comum, alcançável para mais pessoas, quando muitas vezes apenas um/a artista vislumbra e comunica. Essa foi a importância da nossa “Matisse de

Nova Iguaçu”, uma artista anônima que, no entanto, nos encoraja a ver a escola de outro modo, transformada para mais pessoas e não apenas para ela.

Referências

BAPTISTA, Anna Paola. O circo de cores de Matisse.in: CAIXA CULTURAL. **Henry Matisse – Jazz**: Coleção Museus Castro Maya IBRAM/MINC. Recife/Fortaleza/Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2017. p. 7-16.

BERINO, Aristóteles. Iconografia escolar: algumas imagens para conversas sobre as juventudes. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (org.). **Olhares sobre narrativas visuais**. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 97-106.

BERINO, Aristóteles. Juventudes, estetização da escola e artealização do cotidiano escolar: Olhar e imagens na pesquisa em educação. **Visualidades**. Goiânia. v. 14, n. 1, p. 38-53, jan-jun 2016.

BERINO, Aristóteles; ADÃO, Adriene do Nascimento. Juventude: Entre o jardim e o bosque – Notas de uma pesquisa sobre visualidades e conhecimentos da vida nas escolas. In: PLETSCHE, Márcia Denise; RIZO, Gabriela (orgs.). **Cultura e formação: Contribuições para a prática docente**. Seropédica: Ed. da UFFRJ, 2005. p. 205-212.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. São Paulo: n-1, edições, 2016.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MATISSE, Henri. **Jazz**. George Braziller: New York, 1992.

SAMAIN, Etinne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In: SAMAIN, Etinne (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. p. 21-36.

SILVA, Jonatan. Sérgio Sant`Anna: “Ler bons livros enriquece uma existência” [Entrevista]. **Gazeta do Povo**. Curitiba. 1 nov. 2019. Cultura. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/cultura/sergio-santanna-ler-bons-livros-enriquece-uma-existencia/>. Acesso em: 10 maio 2020.

Submetido em: 30-04-2020.

Publicado em: 01-07-2020.